



RESENHA DO LIVRO *PALAVRAS CRUZADAS ENTRE FREUD E FERENCZI* (1999) DE LUÍS CLÁUDIO FIGUEIREDO

Sidney da Silva Pereira Bissoli

Coordenador de colegiado do Curso de Psicologia da FASU / ACEG

Docente do Curso de Psicologia da FASU / ACEG

Mestrando em Filosofia – UFSCar

Certamente, este não é um livro para principiantes. Ele exige do leitor, não apenas o conhecimento dos conceitos básicos em Psicanálise – tais como libido, princípio de prazer, princípio de constância, etc. –, que normalmente um estudante mediano de Psicologia aprende nos famosos manuais de Psicanálise que se encontram espalhados por nossas livrarias, como também (o conhecimento) de dois dos textos mais complexos e espinhosos que já foram escritos em todo o campo psicanalítico, a saber, *Além do princípio de prazer* (FREUD, 1920) e *Thalassa* (FERENCZI, 1924). A favor do primeiro, apesar de ser uma verdadeira “feijoada”, que deixa qualquer estudante de Psicologia indigesto, de cabelo em pé, e durante uma semana sem dormir, está o fato de ser um texto extremamente conhecido, no qual Freud introduziu o tão famoso conceito de *pulsões de morte*, o que faz deste uma leitura obrigatória para quem quer que reivindique qualquer conhecimento na área. Ferenczi, por sua vez, infelizmente, ainda não é tão conhecido, mesmo em círculos psicanalíticos (pelo menos em nosso país), quanto menos este texto de sua autoria, de título tão estapafúrdio. Mas, não desanimemos (apesar destes comentários iniciais não terem sido tão animadores). Quem é verdadeiramente apaixonado por Psicanálise, e pelas questões teóricas que a Psicanálise suscita (mas não apenas, pois essas questões possuem relação direta com a clínica), este livro de Figueiredo – e o de Freud, e o de Ferenczi – é como uma bomba-relógio à espera do leitor atento para ser detonada, e que, paradoxalmente (ou, por isso mesmo, seguindo a concepção de *Eros*, proposta por Freud e salientada por Figueiredo... mas... não nos antecipemos... retenhamos, pelo menos por um instante, o jorro uretral), pode provocar um prazer indescritível. Sobretudo, pelo humor fino e inteligente que perpassa cada página deste livro. Ler *Palavras Cruzadas entre Freud e Ferenczi* é como assistir a um daqueles filmes *cult*, no qual cada elemento, cada cena, cada “take”, digamos assim, são introduzidos de uma maneira cuidadosamente planejada, de forma que nada é por acaso.

Dito isso, sentimo-nos mais à vontade para adentrar o livro em si. O que Figueiredo se propõe a fazer é uma leitura próxima e desconstrutiva dos textos de Freud e Ferenczi mencionados anteriormente, estabelecendo pontes entre um e outro. Assim, tanto *Além do princípio de prazer* como *Thalassa* são acompanhados, passo a passo, em cada mínimo detalhe, desde o título, até – principalmente – as notas de rodapé. Mas, este acompanhamento, esta proximidade, possui um caráter desconstrutivo, que faz com que Luís Cláudio explore os elementos deslegitimizados do texto, “as tensões, as trilhas perdidas, as pequenas aberturas do texto que a leitura clássica tende a fechar” (p. 19), “o movimento de sentido que não chega a se fixar em “teses”” (grifos do autor, p. 17).

Com base nessa metodologia, as críticas de Figueiredo têm como alvo as leituras que foram feitas até o presente momento acerca do dualismo pulsional introduzido tardiamente por Freud em 1920. Melanie Klein é fuzilada quase que do início ao fim do livro, em sua (dela) leitura acerca do conceito de *pulsões de morte* (instinto de morte, para ser mais fiel a Klein) como ódio, agressividade e destrutividade. Figueiredo demonstra, de uma forma bastante convincente, apoiando-se no próprio Freud, que há algumas passagens de *Além do princípio de prazer* que se tornam completamente incompreensíveis, caso o conceito de *pulsões de morte* seja entendido pelo viés kleiniano. Mas a Sra. Klein não é única vítima da crítica mordaz do autor. O erudito psicanalista francês, Jean Laplanche, apesar do fôlego inesgotável para a pesquisa da obra freudiana, que culminou, dentre outros livros, no *Vocabulário da Psicanálise* (2001), também não escapa às farpas do autor. Aliás, nas palavras de Figueiredo, ele só é mencionado devido à “certa penetração destas considerações nos meios psicanalíticos brasileiros” (p. 36). Quer dizer, se não fosse por esta penetração, nem este pequeno espaço caberia a Laplanche no livro do autor brasileiro. Ousado Figueiredo, não? Luís Cláudio critica a equivalência estabelecida por Laplanche entre ligação erótica e ligação de energia (ou energia ligada), por um lado, e desligamento Tanático e energia livre (ou desligada), por outro. Para a formulação dessa

crítica, o autor se apóia em dois trechos de *O Ego e o Id* (1923), do próprio Freud, a saber: “Eros persegue a meta de *complicar* a vida mediante a *reunião*, a *síntese*, da *substância viva dispersa* em partículas” (grifos do autor, p. 39); e “são as pulsões sexuais que, como necessidades pulsionais, detêm a queda de nível [gerada pelas pulsões de morte] e introduzem novas tensões” (p. 39-40). Em outras palavras, as pulsões de vida geram energia desligada (ao mesmo tempo em que ligam, reúnem elementos), contrariamente à concepção de Laplanche, para o qual as pulsões de vida estão associadas à energia ligada (os estudantes que conheceram a Psicanálise através dos manuais, e que não estão acostumados a esses termos mais espinhosos da metapsicologia que nos perdoem, mas também não prometemos que essa resenha seria de fácil entendimento). O diálogo crítico não pára por aí e, apenas para que não cometamos nenhuma injustiça (principalmente com relação a um autor brasileiro), e ao mesmo tempo para não prolongarmos demais esta resenha, vale a pena citar que Renato Mezan também é considerado, embora de uma forma mais elogiosa do que os parceiros da França e “Inglaterra” (Melanie Klein nasceu em Viena, apesar de ser considerada representante da Escola Inglesa de Psicanálise) citados anteriormente. No entanto, este diálogo com os pares inclui certo enamoramento com Winnicott que, como todos sabem, rejeita o segundo dualismo pulsional freudiano, concebendo a libido como o único motor da vida anímica, com a ressalva de que a agressividade é imanente a esta mesma libido, a este mesmo amor (o famoso *ruthless love* – de difícil tradução para a Língua Portuguesa – o amor cruel, voraz, o amor sem consideração pelo outro). Retornaremos a este enamoramento com Winnicott mais para diante.

Então, qual a proposta de Figueiredo para o dualismo pulsional freudiano (que, de acordo com o autor, é um dualismo pulsional freud-ferencziano), assunto central do livro? Neste momento somos obrigados a introduzir as noções de *lógica identitária* e *lógica da complementaridade*. De acordo com a *lógica identitária*, ou lógica da identidade, os entes “são apenas o que são e nada mais” (p. 32), cada pólo da equação é igual a si mesmo. Aplicando esse tipo de raciocínio ao dualismo pulsional, o resultado que temos é Eros e Tânatos, definidos de maneira clara e nítida, em uma oposição ou combinação simples entre si. Entretanto, de acordo com a *lógica da complementaridade*, cujo acesso é necessário para a compreensão da proposta freud-ferencziana, de acordo com o autor, cada pólo deste dualismo é algo “que se diferencia e se opõe a si mesmo” (p. 33). Dito de outra forma, as pulsões de vida, aliadas às pulsões de morte, podem se opor às próprias pulsões de vida. Ao mesmo tempo, as pulsões de morte, aliadas às pulsões de vida, podem se opor às próprias pulsões de morte. Em suma, acompanhar *Além do princípio de prazer* (FREUD, 1920) e *Thalassa* (FERENCZI, 1924), tendo como guia Figueiredo, é vislumbrar o caráter mortífero da vida, o aspecto vitalizante da morte, e assim por diante. Identificar como Figueiredo assim o faz seria reescrever o livro, o que não é o propósito para este resenha, até porque Figueiredo faz isso muito melhor.

Mas, antes de encerrar, é preciso confessar que, durante a leitura, surgiu-nos um desejo irresistível de proceder a uma leitura sistemática do livro do autor, que é justamente o que Figueiredo se propõe a não fazer neste estudo. E, cedendo a este impulso sistematizador, pretendemos fazer ainda algumas considerações, correndo o risco de distorcermos completamente o pensamento de Luís Cláudio.

A partir de uma leitura sistemática de um estudo desconstrutivo como esse, ficamos com a suspeita de que o próprio Freud esteja sendo criticado. Parece-nos que Figueiredo critica veementemente o *termo* pulsões de morte (sem criticar, no entanto, aquilo ao qual o *termo* pulsões de morte se refere). Tudo bem, mas... se em Figueiredo não podemos falar em *pulsões de morte*, e este conceito nos remete a algo que faz sentido, então, o que é este algo que faz sentido? É aquilo que o autor chama de *o mais pulsional das pulsões* – vale dizer, de todas as pulsões – o movimento pulsional na sua essência, sem disfarces, na sua forma mais primitiva, menos elaborada, que é o retorno a um estado anterior de coisas, à paz, à tranquilidade, inclusive à tranquilidade da existência inorgânica, à plena satisfação, à morte. Assim, o que teríamos em Figueiredo seria um monismo pulsional governado por *Eros*, tal como em Winnicott (daí o enamoramento ao qual havíamos nos referido anteriormente). No entanto, é importante frisar que Figueiredo não se expressa dessa forma; estamos tentando fazer uma leitura sistemática, não-desconstrutiva, das idéias deste autor. De qualquer forma, este *Eros* precisa ser bem compreendido. Por um lado, ele nos remete à reunião de elementos *heterogêneos, diferentes*. O encontro com o *diferente* introduz tensões, que devem então ser reduzidas, gastas, consumidas, vividas (de acordo com o princípio de prazer), e o que ocorre, portanto, é um adiamento da morte (este é o aspecto vitalizador de *Eros* e, neste sentido, podemos equacionar *Eros* às pulsões de vida). Por outro lado, este próprio *Eros* está sujeit(ad)o ao movimento pulsional ele próprio, ao mais pulsional das pulsões, ao movimento de retorno a um estado anterior de coisas, à regressão talássica (retorno às condições de vida marinha) que é um *sonho de morte*. Caso levemos este raciocínio às últimas conseqüências, teríamos de afirmar que *Eros* busca, simultaneamente, o incremento e a redução de tensões. Sem dúvida, trata-se de um paradoxo. Mas, neste ponto, sentimo-nos aliviados em poder contar com Ferenczi, que talvez nos tire desse balaio de gato que entramos por nossa própria conta, ao tentarmos fazer uma leitura sistemática do texto de Figueiredo, quando aquele (Ferenczi) afirma:

“(…) no que se refere às pulsões lúdicas, entre as quais podemos também classificar, num certo sentido, as pulsões eróticas, é a própria pulsão que suscita um desprazer, com o único propósito de desfrutar em seguida de sua interrupção. (...) Logo, a sexualidade também não faz mais do que *brincar* com o perigo” (*Thalassa*, p. 52).

Afinal de contas, seguindo a definição do prazer tal como postulada por Freud, como redução de energia livre, e do desprazer como incremento desta energia, não seria este o objetivo do princípio de prazer, acumular tensões com o único intuito de descarregá-las posteriormente, obtendo, dessa forma, o prazer tão almejado? De acordo com esta leitura, *Eros* seria regido pelo princípio de prazer (ou seria o contrário?). Mas, então, o que haveria *além* do princípio de prazer, que foi tão prometido por Freud no início de seu trabalho de 1920? Seria o próprio princípio de constância pois, uma vez que este busca, não o acúmulo ou a redução de tensões, mas a estabilidade, então, não estaríamos no reino, nem do prazer, nem do desprazer, mas da quietude plena – por que não dizer? – da existência inorgânica, da morte; o que é equacionado, por Figueiredo, ao *mais pulsional das pulsões*, à tendência regressiva, que foi tão enfatizada por Ferenczi em *Thalassa* (1924), mas que já estava presente, em nota de rodapé, em um trabalho do psicanalista húngaro de 1913, *O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios*. Estas considerações fazem com que Figueiredo atribua – em nota de rodapé, é verdade, e a título de hipótese – a *Além do princípio de prazer* a condição de uma longa nota de rodapé daquilo que foi proposto por Ferenczi em 1913.

Enfim, esperamos ter desfeito a impressão desagradável que, talvez, as considerações iniciais desta resenha tenham deixado no leitor, e deixemo-lo à vontade para a leitura do livro em si que, certamente, ainda trará muitas surpresas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- FERENCZI, S. **Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
FIGUEIREDO, L. C. **Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi**. São Paulo: Editora Escuta, 1999.
LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.